POR DEUS, PELA ORDEM E PELA PONTA DIREITA: APONTAMENTOS SOBRE A RELAÇÃO ENTRE O FUTEBOL E O BOLSONARISMO

Murilo Cleto[1]

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar, através da abordagem estrutural da teoria das representações sociais, algumas das principais hipóteses para compreender o engajamento eleitoral de jogadores profissionais de futebol no Brasil em favor da candidatura de Jair Messias Bolsonaro, em 2018. Para isso, serão observados: (1) qualitativamente os comentários de boleiros veiculados no ano eleitoral pelo portal *UOL Esporte* numa longa matéria sobre a novidade que essa participação de atletas representa e sua adesão ao bolsonarismo; e (2) os resultados de uma pesquisa quantitativa realizada ainda em 2017 com 111 jogadores das séries A e B do campeonato brasileiro pelo próprio portal. Mediante a análise desses elementos, foi possível concluir (1) que os jogadores estão mais ativos politicamente graças à crise político-institucional que o país atravessa desde 2013 e à popularização das redes sociais como palco do "novo espaço público brasileiro"; e (2) que a preferência dos atletas por Bolsonaro se dá graças a um profundo sentimento de indignação contra a corrupção no sistema político e a violência urbana, associado à valorização da religiosidade cristã, notadamente a evangélica, assim como dialoga, menos explicitamente, com os sintomas de certa crise da masculinidade nas últimas décadas.

Palavras-chave: bolsonarismo; futebol; representações sociais

Introdução

Em *O futebol explica o Brasil*, o historiador e jornalista Marcos Guterman (2010, p. 7) afirma, sem incorrer no risco do exagero, que "o futebol [...] consegue dar significado aos desejos de potência da maioria absoluta dos brasileiros". Sua obra, um passeio pela história do país e do esporte nele, demostra que o futebol "é parte indissociável dos desdobramentos da vida política e econômica do Brasil" (GUTERMAN, 2010, p. 7) e que não constitui, portanto, apenas um anexo do real.

Apesar disso, nunca foi tão comum que atletas se engajem do ponto de vista eleitoral como agora. O que este breve trabalho discute são algumas das hipóteses que ajudam a apontar caminhos de análise e indicar linhas de atuação para pesquisas sobre a relação entre o bolsonarismo e o futebol nas ciências humanas e sociais.

Materiais e métodos

Ao longo de 2018, à medida que se acirrava o processo eleitoral, passou a chamar atenção a atípica movimentação de atletas profissionais de futebol em favor da candidatura de Jair Bolsonaro. Em setembro, o portal *UOL Esporte* publicou a mais completa reportagem sobre o tema: *Por que jogadores estão mais engajados na política e apoiando Bolsonaro?* Ela traz aspas de alguns jogadores ouvidos com exclusividade pela jornalista Luiza Oliveira; declarações de vários deles através de suas redes sociais;

[1] Historiador e Mestre em Cultura e Sociedade: Diálogos Interdisciplinares pela Universidade Tuiuti do Paraná e aluno especial do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa. <murilopcleto@gmail.com>

a avaliação de especialistas; e uma pesquisa quantitativa que, em dezembro de 2017, ouviu 111 atletas de clubes das séries A e B do campeonato brasileiro. O lançamento das hipóteses descende da observação sobre as declarações desses jogadores na reportagem a partir do arcabouço teórico-metodológico fornecido pela abordagem estrutural das representações sociais.

Inaugurada pelo teórico romeno Serge Moscovici no início dos anos 1960, a grande teoria psicossociológica das representações sociais parte da premissa de que sujeito e objeto formam um conjunto indissociável (MAZZOTI, 2002). Um objeto não existe, portanto, apenas por si mesmo, mas somente através da relação com o indivíduo. Quando forma a representação de um objeto, sustenta Mazzotti (2002), o sujeito o elabora em seu sistema cognitivo, incorporando-o ao seu sistema de valores, este por sua vez vinculado à sua trajetória e ao seu contexto ideológico e social. Dentre as diversas abordagens metodológicas das representações sociais, uma das mais importantes é a estrutural. Ela fornece importantes subsídios para detectar o núcleo central – constituído pelos elementos essenciais – e os sistemas periféricos – variáveis possivelmente dissonantes que a princípio não comprometem o núcleo central – de uma representação social.

Resultados e discussão

O ensaísta Francisco Bosco (2017) chama de "novo espaço brasileiro" este que resultou, segundo o autor, das revoltas de junho de 2013, do colapso do lulismo e, por fim, da emergência das redes sociais digitais. Com as Jornadas e, depois, o aprofundamento da crise político-institucional, o engajamento da sociedade brasileira aumentou exponencialmente. Neste sentido, num contexto de forte pressão pelo posicionamento num país francamente polarizado, a internet funcionou como a principal "plataforma de explicitação generalizada dos conflitos" (BOSCO, 2017, p. 11). E os jogadores foram se tornando timidamente parte desse processo. Em 2014, Neymar e Ronaldo já haviam chamado atenção pelo apoio à candidatura de Aécio Neves. Mas em 2018 esse engajamento eleitoral alcançou patamares sem precedentes.

No final de 2017, o *Pesquisão UOL* verificou que 20,72% dos 111 atletas ouvidos pelo portal votariam em Bolsonaro. O número se torna ainda mais significativo se se considerar que mais da metade deles, 58,55%, preferiu não se manifestar; que a pesquisa não era estimulada, ou seja, os atletas não recebiam uma lista com nomes indicados para anunciar sua escolha; que o segundo colocado, Lula, só tinha 5,4% da preferência; e, por fim, que a enquete ocorreu 10 meses antes do pleito, quando Bolsonaro ainda nem tinha um partido definido para disputá-lo. Descontadas as abstenções, como numa eleição, Bolsonaro teve nada menos que 50% dos votos.

Observando algumas das declarações repercutidas pelo *UOL Esporte*, é possível perceber a identificação dos jogadores com Bolsonaro através de quatro grandes eixos interseccionados, que possivelmente compõem o núcleo central da representação social dos bolsonaristas da categoria acerca da crise brasileira na atualidade: a retórica antissistema; o combate à criminalidade; a religiosidade cristã, notadamente a evangélica; e a rejeição às demandas identitárias. Os atletas apresentam um discurso fortemente homogêneo, mais ou menos como instiga o debate público em tempos de polarização (ABRANCHES, 2019).

"Esse mundo em que a gente vive tem muita violência, muitas coisas ruins. De repente, chega uma pessoa de opinião forte, patriota, que vem de uma família de bem", é como Lucão, atacante à época no Goiás, o define na reportagem. Para Carlos Alberto,

meio-campista campeão da Liga dos Campeões pelo Porto, Bolsonaro "representa bater de frente com o sistema. [...] Para esse início é preciso uma mudança meio que radical". Todos que tocaram no tema contestam a ideia de que o capitão da reserva seja preconceituoso. Subentende-se a adesão dos atletas ao pressuposto de que as reações às declarações de Bolsonaro são invenções e/ou parte de um plano para inviabilizá-lo.

Felipe Melo, volante do Palmeiras e ex-seleção brasileira, reagiu de modo enérgico nas redes sociais a uma enquete veiculada pelo programa *Encontro com Fátima Bernardes*, da TV Globo, que perguntava se deveria ser salvo primeiro um traficante com risco iminente de morte ou um policial levemente ferido. O jogador foi um dos jogadores mais atuantes na campanha de Bolsonaro: postou fotos com a camisa do candidato e chegou até a lhe oferecer um gol. Lucão foi bem explícito: "você não vai combater violência com flor". Um elemento desses discursos acerca do combate à criminalidade e que parece permear o apoio a Bolsonaro, sobretudo nas redes, é o culto à violência, que opera mesmo como um paradoxo: a violência como combate à violência. O símbolo mais bem acabado disso tem sido o gesto, exaustivamente repetido pelos seus eleitores – e por vários jogadores, como Diego Souza, do São Paulo, na comemoração do gol contra o Flamengo, a poucos dias do 2º turno – de arma com as mãos. Trata-se de um gesto cínico[2], no sentido de usar a crise como álibi para a ação "politicamente incorreta" dar vazão a todo um sentimento de inconformidade primeiro com o sistema e, segundo, com a condição do homem na contemporaneidade.

Para a psicanalista Malvina Muszkat, vive-se hoje num período de transição em que os homens já não são mais autoridade absoluta e estão desconfortáveis com o avanço feminino nas últimas décadas. Esse desconforto pode gerar, por sua vez, diversos desdobramentos, como a própria intensificação da violência doméstica (MUSZAT, 2018). Do ponto de vista performático, enquanto a pressão por formas menos ríspidas de manifestação e de trato com a mulher tem gerado, de um lado, discursos de submissão, pode também estimular reações de reafirmação da masculinidade sob ataque. Virilidade, força e truculência, historicamente associadas ao masculino – e atualmente em xeque –, são troféus a exibir. E o futebol tornou-se um dos maiores refúgios dessas manifestações (CASTRO, 2018).

Embora sejam ainda relativamente comuns, manifestações de racismo já não se dão nos estádios brasileiros sem um volume significativo de repúdio. A homofobia, no entanto, continua sendo consenso. Mais recentemente, o grito de "bicha" passou a acompanhar goleiros do país inteiro durante a cobrança do tiro de meta (CASTRO, 2018). O indizível fora das arquibancadas encontrou abrigo confortável nelas – não sem resistências, claro, mas ainda incapazes de alterar o quadro geral. Num movimento similar, Bolsonaro foi o candidato que levou, sem rodeios, esses afetos para a disputa eleitoral, operando quase sempre numa zona indefinida entre o autoritário e o jocoso (CLETO, 2018). Também foi ele quem mais se apropriou dos símbolos nacionais e do discurso religioso cristão, inegavelmente predominante entre os atletas.

---

[2] Longe de um juízo de valor, o "cinismo", a partir do elaborado por Satafle (2008) em *Cinismo e falência da crítica*, serve aqui como categoria descritiva para uma modalidade de comportamento que, nos últimos anos, inundou o debate público orientado pela dinâmica das redes sociais. Diferente do hipócrita, que o é graças a uma contradição entre ação e palavra, o cínico é quem age explicitamente em oposição a determinados valores socialmente estabelecidos. E isso sem o risco de ser desmascarado, como ocorre com o hipócrita. O cínico vive, portanto, uma espécie de contradição performativa que, no caso do Brasil contemporâneo, encontra álibi na crise generalizada do país e age deliberadamente errado num tom de denúncia e revolta contra o sistema.

Considerações finais

A predileção por Bolsonaro no futebol parece corresponder, com o aprofundamento de alguns estímulos específicos, à da sociedade brasileira como um todo, considerando os depoimentos de eleitores colhidos antes e mesmo depois das eleições (SOLANO, 2019). O que se observa é uma profunda indignação contra o sistema e a violência urbana; o protagonismo do componente religioso e patriótico no terreno eleitoral; a negação ao avanço de parte significativa das demandas identitárias; e, por fim, a afinidade entre as exibições performáticas de masculinidade de Bolsonaro e do ambiente do futebol. Ainda há, evidentemente, muito que explorar sobre esse fenômeno e que os limites desse trabalho só permitem lançar como possíveis caminhos a trilhar, mas não restam dúvidas de aqui, mais uma vez, como sentenciou Marcos Guterman (2010, p. 7), "o futebol, se lido corretamente, consegue explicar o Brasil".

Referências:

ABRANCHES, Sérgio. Polarização radicalizada e ruptura eleitoral. In: **Democracia em risco?:** 22 ensaios sobre o Brasil hoje. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p.11-34.

BOSCO, Francisco. O novo espaço público no Brasil. In: _____. **A vítima tem sempre razão?**: Lutas identitárias e o novo espaço público brasileiro. São Paulo: Todavia, 2017. p. 55-88.

CASTRO, João Abel Ferreira Aquino de. **Bicha:** homofobia estrutural no futebol: São Paulo: PUC-SP, 2018.

CLETO, Murilo. Como "Black Mirror" ajuda a entender o fenômeno Bolsonaro. **Revista Época**, 2018. Disponível em: <https://epoca.globo.com/como-black-mirror-ajuda-entender-fenomeno-bolsonaro-23148634>. Acesso em: 14 mai. 2019.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil:** uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2010.

MAZZOTTI, Alda Judith Alves. A abordagem estrutural das representações sociais. **Psicologia da Educação**, São Paulo, nº 14/15, p. 17-37, 2002.

MUSZKAT, Malvina. **O homem subjugado:** o dilema das masculinidades no mundo contemporâneo. São Paulo: Summus Editorial, 2018.

OLIVEIRA, Luiza. Por que jogadores estão mais engajados na política e apoiando Bolsonaro? **UOL Esporte**, 2018. Disponível em <https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2018/09/26/por-que-jogadores-estao-mais-engajados-na-politica-e-apoiando-bolsonaro.htm>. Acesso em: 30 abr. 2019

SAFATLE, Vladimir. **Cinismo e falência da crítica**. São Paulo: Boitempo, 2008.

SOLANO, ESTHER. A bolsonarização do Brasil. In: **Democracia em risco?:** 22 ensaios sobre o Brasil hoje. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 307-321.